

ACERVOS EPISTOLARES MUSEALIZADOS: CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA

CRISTIELE SANTOS DE SOUZA¹; CARLA RODRIGUES GASTAUD²;

¹Universidade Federal de Pelotas- cristiele.hst@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As cartas e seus similares – cartões-postais, bilhetes, telegramas – estão presentes em museus de diferentes tipologias. Ora ocupando arquivos com acesso limitado, ora expostas aos visitantes como fragmentos de diálogos interrompidos pelo tempo. Como “lugares de memória” (NORA, 1983), os museus reúnem fragmentos de vidas vividas outrora, das quais as cartas também fazem parte e sobre as quais construímos os nossos discursos de memória e de identidade.

Instrumentos de comunicação, as cartas foram criadas para suprir a necessidade de um diálogo entre pessoas separadas pela distância e, nesse sentido, são mensagens que descrevem contextos e sustentam relações de sociabilidade (TIN,2005). Essas mensagens, por sua vez, são construídas sob o fio condutor da memória daquele que escreve, pois, ao construir um relato, “os narradores fazem uma seleção, um recorte, escolhem certos personagens, certas paisagens, episódios nos seus relatos” (BETTIOL, 2008, p. 23), constroem, assim, uma narrativa dos acontecimentos vividos.

Nessa perspectiva, a presença das cartas nos museus pode significar o acesso a um universo de conhecimentos e visões de mundo mobilizados no espaço da intimidade e sobre os quais pouco poderíamos saber se não fosse a sua publicização. Daí a importância de se investigar os diferentes processos de institucionalização da salvaguarda de acervos epistolares, para além de suas propriedades como patrimônio arquivístico, considerando também, seu potencial como objeto musealizado.

Nesta comunicação serão apresentados os dados parciais de um estudo que busca compreender a musealização de acervos epistolares como parte dos diferentes processos de salvaguarda a que esses acervos estão sujeitos, destacando os aspectos relacionados a sua inserção nos sistemas de documentação museológica.

2. METODOLOGIA

Embora a preocupação central desta pesquisa seja compreender os processos de musealização de acervos epistolares, sem um recorte espacial rígido, os museus de Pelotas foram considerados como uma amostra relevante, uma vez que a cidade abriga museus de diferentes tipologias e missões. Assim, os dados sobre os quais estão assentadas as análises deste estudo foram coletados entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, nos museus do município de Pelotas que integram o Cadastro Nacional de Museus.

A pesquisa foi dividida em três etapas complementares: a primeira etapa consistiu do levantamento quantitativo de museus que declaravam possuir acervos epistolares relacionados ou integrados às suas coleções; na segunda etapa os museus foram classificados em três grupos, de acordo com os procedimentos que adotaram em relação à gestão dos acervos epistolares; a terceira e última etapa compreendeu a análise dos dados coletados.

Além dos dados disponibilizados pelas instituições em suas páginas na internet, foram consultadas teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso que, de forma direta ou indireta, estudaram os museus da cidade. Da mesma forma, foram enviados questionários às equipes técnicas dos museus com questões relativas à gestão dos acervos epistolares. Quando necessário, esses questionários foram complementados por entrevistas semiestruturadas com as equipes técnicas dos museus pesquisados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Pelotas conta com 21 instituições inscritas no Cadastro Nacional de Museus, consideradas as instituições que integraram a publicação do Cadastro em 2013, somadas às instituições que integram o Cadastro atualmente. Das 21 instituições, apenas 17 responderam à pesquisa, constituindo, dentre outros, os dados descritos na Tabela abaixo:

Tabela 1: Acervos epistolares nos museus de Pelotas.

Museus que dispõem de acervos epistolares não documentados	Museus que dispõem de acervos epistolares documentados	Museus que dispõem de acervos epistolares relacionados à sua história e constituição, mas não são responsáveis por sua gestão	Museus que não dispõem acervos epistolares
Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter	Museu Municipal Parque da Baronesa	Museu Histórico Helena Assumpção de Assumpção - INBRAJA	Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas
Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa	Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo	Memorial da Praia do Laranjal Arthur Augusto de Assumpção - INBRAJA	Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas
Museu Maçônico Rocco Felippe		Sala Montserrat Caballé - INBRAJA	Museu das Coisas Banais
		Museu de Arte Sacra João Paulo II - INBRAJA	Museu das Telecomunicações
		Museu Histórico da Biblioteca Pública Pelotense	Museu do Charque Itinerante
			Museu Farmacêutico Moura
			Museu Etnográfico da Colônia Maciel

Fonte: Elaborada pelas autoras

A análise dos dados demonstrou que os acervos epistolares não estão restritos às instituições que tem como missão a salvaguarda de acervos arquivísticos, tampouco estão restritos a uma única tipologia de museus. Da mesma forma, a pesquisa demonstrou que apenas 12% das instituições inseriram os acervos epistolares em seus sistemas de documentação museológica, fato que dificultou o acesso a informações mais específicas sobre o acervo, tais como: período, correspondentes, suporte, origem, entre outros.

Nessa perspectiva, o baixo número de instituições que documentaram seus acervos epistolares evidenciou duas situações distintas de gestão. A primeira refere-se às instituições que separaram a gestão do acervo arquivístico das

demais tipologias de acervo, imprimindo lógicas diferenciadas de organização e extroversão. A segunda refere-se aos museus que não concluíram a documentação de seus acervos e, portanto, não documentaram suas coleções arquivísticas. Ambas as situações evidenciam o modo como as escolhas de gestão podem expor os diferentes estatutos de reconhecimento atribuídos aos acervos epistolares e apontam para as consequências dessas escolhas no que tange à preservação desses acervos.

Nesse sentido, a ausência ou a dificuldade de acesso às informações referentes aos acervos epistolares interfere, não apenas, em seu potencial como fonte histórica, mas, também, cria ruídos no sistema de comunicação museológica, interferindo diretamente na função do museu como esfera de comunicação (ALVES, 2011). Cabe ressaltar, contudo, que de acordo com Sílvia Yassuda (2009, p.107), “o processo de documentação faz sentido quando a instituição museológica cria seus documentos. A partir daí, é possível traçar um plano de metas para a construção de um sistema documental que atenda às necessidades da instituição”. Sendo assim, submeter ou não os acervos epistolares ao mesmo sistema de gestão das demais tipologias de acervos presentes no museu, pode indicar uma escolha metodológica relativa ao lugar que esses acervos ocupam na instituição.

4. CONCLUSÕES

Os museus configuram apenas uma pequena parcela dentre os lugares que abrigam e preservam acervos epistolares, mas por serem instituições comprometidas com a preservação, com a pesquisa e com a comunicação resultante da interação entre sociedade e bens culturais, os museus direcionam seu olhar tanto para as materialidades, como para o potencial comunicacional e informativo de seus acervos. Nesta pesquisa, cujos dados parciais foram aqui apresentados, a presença e a gestão de acervos epistolares em museus foi percebida como um objeto de estudo para compreender os diferentes estatutos de reconhecimento atribuídos a esses acervos e mobilizados durante os diferentes processos de musealização, bem como as consequências desses processos para a preservação desses acervos em sua integralidade.

Os dados obtidos com a pesquisa nos museus de Pelotas evidenciaram novos questionamentos e vieses de estudo referentes aos processos de musealização de acervos epistolares, tais como: os limites entre as noções de público e privado nas políticas de gestão de acervos, a exploração do potencial expográfico desses acervos e o reconhecimento dos vínculos desses acervos com outras materialidades relacionadas à escrita. Da mesma forma, demonstrou a necessidade de se pensar o museu como um espaço de salvaguarda para os acervos arquivísticos, em especial, para as escritas ordinárias, no sentido de reconhecer nesses escritos, objetos de memória em potencial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Augusto dos Santos. **O museu como esfera de comunicação.** Seminario de Investigación en Museología de los Países de Lengua Portuguesa y Española, II, 2010. Buenos Aires, Comité Internacional del ICOM para la Museología – ICOFOM, 2011, pag. 274-283

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. **A escritura do intervalo:** a poética epistolar de Antônio Vieira. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história. A problemática dos lugares.**
PROJETO HISTÓRIA. PUC/SP, nº10,dez.1983.

TIN, Emerson (org). **A arte de escrever cartas:** Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005.YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista. Marília, 2009.